

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 29

Nº 181

**NOVEMBRO - DEZEMBRO
2011**

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	5
1500-592 Lisboa	O valor da Prece	7
Telefone : 217 647 441	Não sofras mais...	14
*	Natividade (Poema)	17
Director Responsável :	Filho de Deus...	18
Manuela Vasconcelos	A crise	22
*	Páginas do Passado	23
	Natal (Poema)	27
Tiragem : 150 exemplares	Crescer	28
	Esclarecendo...	30
Distribuição Gratuita	Reforma Íntima	31
*	No Futuro	35
Registo nº.211720	Feliz Natal	36
Dépósito Legal Nº. 13972		

*

EDITORIAL

Este é o último número a sair no corrente ano e, seja por uma questão de saudade, de análise ou para que fique bem registado, apetece-nos recordar um pouco parte de algumas das situações que, nestes doze meses (aliás onze, porque normalmente a nossa Revista é sempre distribuída em Novembro), aconteceram... e, começando pelo mês de Janeiro, tivemos a palestra com o Alexandre Ramalho, do Centro Espírita Francisco Xavier, de Leça da Palmeira, tendo-se-lhe seguido, nos meses imediatos, a Isabel Andrade, da Comunhão Espirita Cristã, de Baguim do Monte, Rio Tinto; depois, foi o António Mendonça, da Associação Cultural Espirita de Santarém, a Maria Emilia Barros, da Fraternidade Espirita Cristã, de Lisboa e o José Joaquim Esteves Teiga, da Associação Espirita O Consolador, da Quarteira – todos eles Presidentes das respectivas Associações, tendo sido encerrado este ramalhete de palestras mensais com o João Xavier de Almeida, no dia do nosso aniversário, ele que foi o orador convidado no dia da inauguração do nosso Centro, em 17 de Junho de 1984.

Foram momento de muita alegria e emotividade todos eles, pois estes convites tiveram por finalidade, não só trazer até nós um representante diferente de algumas das Casas que representam o Movimento Espírita Português como, com a vinda de cada um até nós, dá-los a conhecer aos nossos frequentadores e demonstrar-lhes, nas palavras de cada um, que o nosso Ideal é comum a todos e, no Movimento que representamos, o nosso conhecimento intelectual poderá ser maior ou menor mas todos transmitimos e afirmamos o mesmo – que é, afinal, e apenas, o conhecimento que a Doutrina do Consolador codificada por Allan Kardec trouxe até

nós. E foi muito bom, nestes momentos, em qualquer um deles, verificarmos o quanto o estudo que fazemos, onde quer que estejamos localizados, nos enriquece a todos.

Comemoramos, assim, o nosso 30º aniversário, unindo-nos a todos e com todos confraternizando... mas, para além dele, a vida continua e todos os dias, sendo iguais, são sempre dias diferentes no acolhimento e auxílio que assumimos como uma das nossas tarefas.

Para além disto, a nossa Presidente, no mês de Maio, foi fazer uma palestra à Universidade Lusófona do Porto, explicando para quem a quis escutar, o que é o Espiritismo, tema que lhe foi pedido ao endereçarem-lhe o convite.

Outras palestras foram sendo feitas, aqui e ali enquanto, com a mudança dos Corpos Sociais da Federação Espirita Portuguesa, os Centros da União da Região de Lisboa começaram a colaborar com a FEP aos sábados, enviando os seus palestrantes e passistas, e cumprindo um programa ordenado pela própria F.E.P., que não se tem poupado esforços para ‘acordar’ o marasco existente aqui e ali.

Divaldo Pereira Franco, o médium brasileiro que, desde 1972 nos visita, fazendo palestras mesmo quando as reuniões e os Centros estavam proibidos, Divaldo foi homenageado pela União da Região do Porto, num Encontro ao qual a grande maioria dos representantes dos Centros Espíritas estiveram presentes.

E homenageado tinha sido, também, o médium português FERNANDO AUGUSTO DE LACERDA E MELO, num seminário organizado pela U.E.R.L., numa homenagem durante a qual se procurou dar a conhecer mais e melhor este espírito de

quem, às vezes, se fala mais no Brasil do que no nosso próprio País. Fernando de Lacerda que hoje, do outro lado da Vida, assiste e auxilia vários Centros Espíritas não só em Portugal como no outro lado do Atlântico, foi bem o percursor de Francisco Cândido Xavier, de José Raul Teixeira e de tantos outros médiuns que os portugueses acarinham enquanto esquecem o seu nome...

E para além da vinda do Divaldo e do Raul Teixeira, do VIII Congresso Espírita Nacional, desta vez realizado em Vila nova de Gaia com o apoio da F.E.P. esta Instituição, com a colaboração da sua congénere brasileira, promoveu ainda dois Cursos de Capacitação do Trabalhador Espírita, tendo sido um realizado nas suas instalações, na Maia, e o segundo, em Albufeira, no Algarve.

Recordando todos estes eventos, a começar pelos acontecidos na nossa Casa, sentimo-nos felizes por podermos reconhecer que o Movimento Espírita Português continua activo e procurando levar sempre mais luz onde existam as sombras!

Neste final de ano, desejamos a todos um Santo Natal com Jesus reinando em cada coração, para que o 2012, sempre mais próximo possa ser, ele também, de muitas realizações espirituais.

Muita paz para todos.

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

9 – Haverá revelações directas de Deus aos homens? Esta é uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativa nem negativamente, de maneira absoluta. Isto não é radicalmente impossível mas nada o prova com certeza. O que não seria duvidoso é que os Espíritos mais aproximados de Deus pela perfeição se compenetraram do seu pensamento e possam transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica à qual pertencem e o grau de seu saber pessoal, eles podem haurir instruções em seus próprios conhecimentos ou recebe-las dos Espíritos mais elevados, e também dos mensageiros directos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, muitas vezes têm sido tomados como o próprio Deus.

Estas espécies de comunicações nada têm de estranho para quem conheça os fenómenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela apresentação visual dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja durante os sonhos, seja em vigília, como na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. Assim, é rigorosamente certo dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes; entretanto, não se deve concluir daí que todos os médiuns sejam reveladores e, muito menos, intermediários directos da Divindade ou de seus mensageiros.

10 – Somente os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas agora se sabe que nem todos os Espíritos estão próximos à perfeição e que dentre eles muitos se apresentam sob falsas aparências; é o que fez São João dizer: “Não creiais em todos os Espíritos, mas vede antes se os Espíritos são de Deus.” (I Epíst. S. Jo., 4.4).

É possível, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. **O carácter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus.** É assim que a lei do Decálogo possui todos os caracteres de sua origem, ao passo que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Os costumes do povo abrandando-se, essas leis, por si mesmas caíram em desuso, enquanto que o Decálogo permanece como farol da humanidade. O Cristo fez dele a base de seu edifício, ao passo que aboliu as outras leis. Se elas tivessem sido obra de Deus, ele teria evitado tocá-las. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e ai está a prova de sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

ALLAN KARDEC

(Continua no próximo número)

(In: A GÉNESE, ed. Lake, Capítulo 1º.).



O VALOR DA PRECE

“Pedi e dar-se-vos-à; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-à. Porque todo o que pede recebe...” – JESUS. – MATEUS, VII: 7, 8).

Quando a onda de cepticismo, rolando pelo mundo, afogou as esperanças mais belas e desacreditou as práticas religiosas mais puras, a crença em Deus foi considerada um sintoma piegas de inferioridade intelectual e a prece, uma manifestação supersticiosa, ridícula de estupidez.

As ideias, para serem aceites e poderem ser úteis aos indivíduos, precisam de se lhes adaptar, satisfazendo, ao mesmo tempo, as suas necessidades intelectuais e aspirações morais. Uma crença que não satisfaça estas condições, deixa de ser útil para se tornar prejudicial, porque é um veículo da descrença. A natureza, porém, é extremamente providente e tem recursos privilegiados. O tempo, no seu trabalho de erosão constante, vai destruindo todas as formas que permanecem imóveis, para que o pensamento possa construir outras, mais amplas e mais perfeitas.

As ideias, como as almas, precisam de mudar de formas, de se transfigurar, rejuvenescer, quando o seu corpo arruinado, não pode mais conter a sua luz divina.

A vida é uma eterna reincorporação. Por isso toda a crença que se apresenta dogmática, invariável, com o sêlo de infabilidade, desde que não acompanhe a evolução do pensamento e as aquisições progressivas do saber, em breve cairá no descrédito e morre. A imobilidade é a condenação da vida.

*

Conhecido o valor do pensamento, é fácil compreender o mecanismo e acção da prece. Ela é a fonte perene, inesgotável, de água listral onde podemos dessedentar a nossa sêde. Ali foram os santos beber o segredo dos seus milagres, a resignação no sofrimento e a coragem no martírio.

Mas a prece não é apenas uma atitude moral: é também um estado de hiper-acuidade intelectual. Através dela se realiza a comunicação inter-espiritual com seres tanto mais evolucionados quanto mais pura fôr; e daí, os tesouros de sabedoria que revela.

Enquanto a ciência moderna procura ampliar o campo de acção dos sentidos físicos, por meio de aparelhos especiais (microscópio, telescópio, etc.), os antigos procuravam, antes, desenvolver as suas faculdades paranormais. Pelo primeiro processo, o espírito precisa de realizar todo o trabalho de conhecimento desde a análise sensorial à síntese representativa, ao passo que, pelo segundo processo, realizando-se condições psíquicas altamente receptivas, consegue-se apreender os pensamentos já elaborados e devidamente amadurecidos. O esforço de conhecer traduz-se numa inspiração.

As inspirações sublimes do génio podem ter duas origens: extrínseca e intrínseca. No primeiro caso resultam duma comunicação inter-mental, e assim se compreende que algumas descobertas tenham sido efectuadas por pessoas diferentes e em lugares distantes, independentemente, assimilando pensamentos esparsos no ambiente, que as definem. No segundo caso, resultam duma dissociação da personalidade normal, que dá ao espírito maior lucidez, pela maior independência do organismo físico.

Assim se compreende como, na antiguidade, os iniciados nos Grandes Mistérios do esoterismo, atingiam culminâncias de sabedoria que nos deslumbram, sem preocupações científicas, cultivando apenas a *meditação* como método introspectivo e a *contemplação* como método extrospectivo. O misticismo, bem compreendido, é um processo transcendente de investigação da verdade; mas, em geral, os que o praticam, fazem-no apenas numa visão egoísta de felicidade individual.

Eu compreendo a doce volúpia dos ascetas sombrios, dos anacoretas solitários, que vivem debruçados na sua própria alma, a surpreender-lhe os mistérios, a desvendar-lhe os segredos. Mas são mais dignos de apreço e admiração aqueles que não fogem do mundo para cuidar apenas das suas almas e sabem triunfar na vida, vencendo as tentações e socorrendo as misérias. Estes é que podem servir de modelos e não os outros.

Fugir do mundo, não é vencer suas tentações. A ignorância pode ser menos dolorosa que o conhecimento, mas aquela felicidade é ilusória e deficiente. É um estado precário da consciência com estagnações de pântano e noites de túmulo. É bem preferível sentir a tortura agônica dum poente ensanguentado, a ter a indiferença serena e calma da cegueira. Assim também a luta contra as tentações do pecado vale mais que a insensibilidade nirvânica dos monges recolhidos no túmulo das celas.

A vida é feita de quedas e de triunfos, de lágrimas e de sorrisos.

*

A prece não consiste num balbuciar de palavras, mais ou menos sonoras ou harmoniosas, que não formam sentido, ou cujo

sentido se ignora; mas sim, num estado de espírito especial, que determine a irradiação de pensamentos duma ordem elevada, preparando uma receptividade superior, a qual permita, por sua vez, o influxo de pensamentos benéficos. Tanto pode traduzir uma explosão de agradecimento, como um desejo de auxiliar outrém, como um pedido de amparo. A verdadeira prece não obedece a fórmulas que a artificializem: deve brotar espontânea e naturalmente, do nosso espírito; e a melhor e mais fecunda de todas as preces resume-se em amar a Deus, amando o próximo como a nós mesmos.

O valor da oração não está na quantidade de palavras com que se exprime, mas na qualidade dos sentimentos e ideias que a determinam.

Aqueles que desdenham do valor da prece alegando que Deus sabe aquilo de que necessitamos sem que seja necessário pedir-se, desconhecem inteiramente o seu mecanismo e acção.

Decerto a nossa prece não consegue transgredir as leis naturais, mas é exactamente dentro delas que age, provocando modificações formidáveis no determinismo dos fenómenos, favorecendo a realização do nosso objectivo. É um factor subtil que intervem e que, pela sua importância, não pode ser desprezado.

O que importa notar é que nem todos os assuntos são dignos de prece. Duma maneira geral, pode dizer-se que tudo quanto tiver um carácter egoísta ou material, não pode constituir assunto de prece. Os pensamentos desse género, seriam grosseiros e não realizavam, pois, as condições essenciais da prece. Para que esta seja a mais alta expressão de religiosidade, é preciso que a nossa personalidade se dilua e esbata numa aspiração superior,

transbordante de nós próprios, que se alargue e cresça, infinita e pura. Quantas consolações se recebem nestes colóquios singelos, em que, escutando as vozes mais íntimas do nosso espírito, nos sentimos mais próximos de Deus! Que indulgência e doçura a daquela voz amiga, que nos levanta e acarinha, quando nos humilhamos arrependidos dos actos menos correctos que praticamos!

A prece é um refúgio bendito, contribuindo poderosamente para a nossa evolução, facilitando a intervenção dos espíritos superiores que se interessam por nós e nos guiam e amparam sempre que tropeçamos nos escolhos do caminho, estancendo o sangue das nossas feridas, limpando as nódoas das nossas almas, fortalecendo os propósitos que fizemos de nos regenerarmos, erguendo-nos para Deus.

O simples desejo de seguir o caminho do bem atrai os pensamentos fortes e amigos que nos amparam e sustêm, aplanando as dificuldades e encorajando-nos para vencer. Todos nós temos seres amigos, nesse Além misterioso que afinal nos cerca, mas que a nossa cegueira espiritual não vê, e esses amigos acompanham desveladamente os nossos passos hesitantes, procurando conduzir-nos a porto de salvamento. Compreendem-se assim certos casos maravilhosos de auxílios inesperados, que parecem verdadeiros milagres, tão imprevistos eram.

Um indivíduo que se encontra na eminência de um perigo, emite, inconscientemente, ondas telepáticas pedindo socorro, e esses pensamentos podem ser recebidos por indivíduos que, em vista disso, se dirigem para o local do sinistro, sem que, grande parte das vezes, tenham consciência nítida das forças que os atraem. São inúmeros os factos desta natureza. Quantas vezes, também, no meio duma dor profunda, sentimos consolações inexplicáveis; e

quantas outras, no meio da alegria esfusiante de uma festa, uma sombra misteriosa nos inunda de tristeza! Quem há na vida que não tenha pressentimentos, agradáveis ou desagradáveis?

O conhecimento do poder mental ilumina intensamente o caminho da vida, rasgando o véu densíssimo do mistério que nos envolve, poupando-nos grandes sofrimentos, porque nos ensina a preparar deliciosas colheitas. Uma retorta, tanto pode destilar perfumes como destilar venenos. Procuremos, pois, dominar e educar os nossos pensamentos para que possamos destilar perfumes e melhorar as condições da vida espiritual. Poderemos assim viver nos meios mais perniciosos e desagradáveis, semeando idéias puras, com calma, serenidade e alta benevolência, insensíveis ao vibrar desordenado das paixões grosseiras, como um bloco de amianto no meio de chamas.

Apenas uma ligeira sonolência nos invade, depois, no último momento e uma expressão de alívio e bem-aventurança nos embriaga. Quando acordamos no meio dos nossos amigos que nos esperam ansiosos de abraçar-nos pela *feliz viagem*, experimentamos uma felicidade indescritível e as nossas faculdades tomam uma lucidez e uma penetração prodigiosas. Façamos, pois, do pensamento, uma harmonia divina. Temos dentro de nós potencialidades infinitas: somos deuses exilados na matéria.

É o poder mental que constitui o segredo da mecânica transcendente, que os magos, teurgos¹ e hierofantes² aproveitavam nas suas práticas maravilhosas, contrabalançando os efeitos perniciosos da goécia. Se não fosse mesmo o trabalho constante, persistente, formidável, da teurgia que a todos os momentos se encarrega de neutralizar e dissolver os pensamentos destrutivos com que os planos inferiores da humanidade viciam o ambiente,

não havia quem se libertasse do pântano, quem triunfasse nesta fogueira brutal de vingança e de ódio, acesa no mundo. E esse trabalho insano, essa luta titânica não é sustentada apenas pelos encarnados – pobres de nós agrilhoados na matéria! – mas muito especialmente pelos desencarnados que contemplan e vigiam, de mais alto, o destino da nossa humanidade.

Os encarnados são apenas os seus pontos de apoio, os alicerces do templo que eles estão construindo pedra a pedra, em vista das necessidades dos tempos. Por isso devem ser fortes e saber resistir a todos os embates, para o que precisam de comunicar, pela oração, com os espíritos superiores, não perdendo, nunca, o contacto com eles.

¹ – Que praticam a teurgia, espécie de magia, arte de fazer milagres.

² – Sacerdote que preside aos mistérios de Elêusis, na Grécia.

ANTÓNIO LOBO VILELA

(In: Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Setembro/Outubro de 1944. O Dr. António Lobo Vilela foi um dos Presidentes da primitiva Federação Espirita Portuguesa, que funcionou entre 1926 e 1953, sendo, então, fechada por ordem do Governo daquela época.).



NÃO SOFRAS MAIS COM A MORTE EM FAMÍLIA

*‘O respeito que aos mortos se consagra
não é a matéria que o inspira; é, pela lembrança,
o Espírito ausente quem o infunde.’ - Evangelho
S/o Espiritismo, capítulo XXIII, n.º 8).*

Os dias de intensas angústias

Há quanto tempo choras o teu amado que a morte conduziu ao Grande Lar?

Quanto sofreste por acreditar que a morte do corpo destrói, de facto, a vida daquele que dizer amar?

Por quanto tempo admitiste que os Céus te negaram socorro ou que do Criador te faltou a assistência, quando rogaste tantas coisas enredado pela desarmonia que a dúvida e o desespero te impuseram?

Quanto materialismo ocultaste em tuas crenças, sem que disso te apercebestes?

Como te amarguraste em longas noites sem sono e nos dias sem brilho, fitando fotos mudas ou contraíndo contra o teu corpo os pertences frios daqueles que se despediram na aduana da desencarnação!

Agora, o tempo, a dor e as reflexões levam-te a buscar respostas novas para as velhas interrogações. Hoje, quando o silêncio íntimo que te impuseste chama a tua atenção para os

fenómenos da vida abundante, sentes que a vida dos teus amores não se pode resumir num conjunto de tecidos celulares, temporariamente em movimento, marcado por quentura e expressões dinâmicas.

Tempos de mais tranquila reflexão

Algo segreda em teu íntimo, quando os amigos retornam aos próprios afazeres, e quando os familiares reassumiram as lidas quotidianas – passados os dias lutuosos – que os teus mortos não morreram, de facto. Nesse instante que soa no mais profundo do teu ser, vês, com os olhos nublados, o quanto essa concepção faz vibrar esperanças em tu'alma; o quanto essa ideia te alimenta as aspirações de imortalidade.

Sim, coração amigo, chegaste à verdade que nenhuma tese académica é capaz de aniquilar, por mais explore as elaborações do materialismo. Chegaste ao campo da subjectiva convicção, aquela que consegues sentir, felicitando-te a intimidade, aplacando a tua sede psicológica, emocional e espiritual.

No entanto, não logras converter ninguém com o teu novo parecer nem, pelo menos, alguns dos que te ouviram expor sobre o teu júbilo íntimo e que supuseram que *a dor da perda* te haja alterado a saúde mental, desequilibrando a tua psique.

Observas que enquanto te encontravas presa de agonia e tormentos, inconformação e desespero, passavas a muitos a imagem da normalidade. A tua consolação, no entanto, o retorno do teu sorriso e a reasunção da tua vida comum costumam soar como amostras de desajuste. Que sociedade paradoxal essa em que vives!

De consciência desperta

Desperta, pois, alma da Terra, para o dia sem final que a todos espera nas dimensões da Vida Imortal, após o rompimento dos vínculos espirituais com a matéria grosseira.

Por mais que a separação temporária que sofras dos teus seres queridos possa atordoar o teu íntimo, o que é por demais compreensível, guarda a certeza de que te achas na estação da vida, perante o comboio da realidade, onde hoje despede-se de tantos afectos, até que te chegue, igualmente, o dia de embarcar, quando outros companheiros estarão com lágrimas, a se despedirem de ti. Eis a dinâmica da existência planetária.

Quanto tempo viveste na Terra longe das ilações a respeito da vida? Embora a fatalidade dessa ocorrência – a da morte corporal – são bem poucos os indivíduos que dimencionam bem esse fenómeno, de modo que emprestem maior sentido às próprias existências, tratando de valorizar os dias de lutas e de aprendizado no planeta, conscientes de que a morte – por mais que se lhe queira envolver em escuros e sombrios véus – não é, senão, o verso brilhante ou oxidado da simbólica moeda da vida no orbe, e que ninguém dessa experiência se evadirá.

Quanto de bençãos fruirás, a partir do entendimento alcançado acerca da morte física, conforme os ensinamentos dos Imortais, que desvela o estuário imortal da Excelsa Vida!

CAMILO, Espírito

(In: “Minha Família, o Mundo e Eu”, psicografia do médium espírita brasileiro José Raul Teixeira).

NATIVIDADE

Nascer e renascer...
Ser homem quantas vezes for preciso.
E em todas colher,
No paraíso,
A maçã proibida.
E comê-la, a saber
Que o castigo é perder
A inocência da vida.

Nascer e renascer...
Renovar sem descanso a condição.
Mas sem deixar de ser
O mesmo Adão
Impenitentemente natural,
Possuido da íntima certeza
De que não há pecado original
Que não seja o sinal doutra pureza.

MIGUEL TORGA
(1980)

(In: POESIA COMPLETA, VOL. II).



FILHO DE DEUS... ou Filhos de Deus?

Ao debruçarmo-nos sobre o Novo Testamento, ou sobre os Evangelhos que nos afirmam terem sido escritos por aqueles que mais próximo estiveram de Jesus durante a Sua Missão, esbarramos variadíssimas vezes com a afirmativa de ser Jesus “o filho de Deus”, como se Ele tivesse sido único e depois d’Ele, Deus tivesse “deitado fóra a forma da criação” e não tivesse criado mais ninyém!

Desculpamos esta afirmativa face à ignorância que grassava há dois mil anos atrás, embora tenhamos sempre presente a afirmativa, para além de várias outras, do Divino Amigo, em Mateus, V: 20 – 44,45: (*Amái os vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam*) a fim de que sejais dignos de **vosso** Pai que está nos céus; o qual faz brilhar o sol sobre os bons e os maus e faz chover sobre justos e injustos. (O sublinhado é nosso)... e esta afirmativa-esclarecimento de Jesus significa, que **TODOS** somos filhos de Deus! É certo que os evangelhos, ao serem analisados para servirem de orientação ao povo, foram adulterados pelo acrescento de muita coisa que não tinha sido escrita e, também, pela eliminação de várias outras menos interessantes ou convenientes... A Vulcata Latina, como o Concílio de Niceia, disse se encarregaram... e vários tradutores da Bíblia quiseram, também eles, dar ou deixar o cunho do “milagre” e do “excepcional” a alguns dos factos que pudessem, de uma ou outra maneira, cativar

mais e melhor quem sobre o livro se debruçasse para seguir religiosamente os seus conceitos...

Mas, os canhões da mesma religião que a todos acompanhou o nosso crescimento, fosse os que orientavam a catequese dada às crianças como os que eram lidos durante a celebração das missas, todos eles afirmavam a mesma coisa: Deus está sempre a criar e todos nós somos seus filhos!

Porquê, então, querer fazer-se de Jesus o filho único de Deus, Deus que *é a Inteligência Suprema, Causa primária de todas as coisas?*

Vamos pensar (uma coisa que a Doutrina Espírita nos ensinou a fazer e a partir da qual, ao ‘descobri-la’, deixámos de aceitar tudo sem raciocinar para tentarmos, por nós próprios, descobrir a verdade ou chegarmos a uma conclusão): Deus é incriado – então, quem nos criou a todos nós, não só os que hoje somos os seres inteligentes da natureza, mas a própria natureza em si: aves, peixes, animais domésticos e selvagens, mares, ventos, calor, frio, sol, chuva, toda a espécie de árvores, o planeta Terra, onde vivemos, e todos os outros que a Ciência diz que existem, porque a sua existência já foi comprovada, e ainda os restantes astros?... todo o universo, em suma?!

Vamos continuar, ainda, a analisar: qual foi o cientista que ‘inventou’ o sangue que nos corre nas veias ou, até mesmo, o próprio corpo humano, com todos os seus aparelhos e sistemas? Qual o ‘Génio’ capaz de tal coisa?

– Os nossos pais, - responderão, talvez, aqueles de nós que não querem cansar muito as suas células cerebrais e preferem

resolver tudo de uma assentada só – tal como um jogador de xadrez no lance do xeque mate!

Aqui, nós que gostamos demasiado não de complicar mas de chegar ao cerne de qualquer questão, recordamos as diferentes raças que povoam o planeta, cada uma – imagine-se! – adequada ao continente onde viva... Terá sido o acaso? Mas o acaso **NÃO EXISTE, NÃO PODE** existir, pois culpá-lo seria fazer dele uma coisa muito inteligente, e uma ‘coisa’ não tem cérebro para pensar nem sabe agir de per si! Uma ‘coisa’ é como a matéria: consequência, não causa!

Qual será, então, para todos nós, o “papel” de Deus? Quais os Seus atributos?

DEUS É ETERNO; é IMUTÁVEL; é IMATERIAL; é ÚNICO; é TODO PODEROSO; é SOBERANAMENTE JUSTO E BOM.

E a questão nº 27 de O LIVRO DOS ESPIRITOS, e a respectiva resposta esclarecem:

P: - Haveria dois elementos gerais do Universo, a matéria e o espírito?

R: - Sim, e acima de ambos, Deus, **o Criador, o pai de todas as coisas.** (O destaque é nosso).

Então, se Deus está à frente de tudo, como um trabalhador infatigável mas perfeito, porque do caos do começo Ele tudo ordenou e, pouco a pouco, cada coisa tomou o seu lugar, (Lv.dos Espíritos, cap. 2), a Ele devemos também a nossa criação. E porque Ele é eterno, não poderia ter-nos criado de uma maneira

diferente da Sua: somos, também nós, eternos como Ele, mas com uma diferença abismal: Ele é O incriado, e todos nós, a Sua criação!

Jesus não é o seu filho único, mas poderá ser – é, com certeza – um dos muitos filhos muito mais perfeito que nós, que tendo adquirido já a perfeição (no sentido de pureza) para que fomos criados, pode ser escolhido como um enviado que o Pai mandou à Terra para nos ensinar o caminho ‘para casa’, quando mais perdidos nos encontravamos!

De resto, e ainda, foi também Jesus quem afirmou: “Não vim destruir a Lei (de Deus), mas dar-lhe cumprimento”. E se Jesus não veio para destruir a Lei, Ele não podia ser diferente de qualquer um de nós a não ser em Amor e em sabedoria: o resto, seja o seu nascimento, como a sua paternidade espiritual, foi em tudo como a nossa – seus irmãos ainda tão imperfeitos!

A ignorância dos homens, como o seu egoísmo, ao longo dos séculos têm ‘criado’ Deus à nossa maneira de ser humana, com as mesmas imperfeições que existem ainda em qualquer um. Jesus veio para nos dar a conhecer o Pai, não só dele como de todos nós... e num gesto totalmente liberto de qualquer espécie de egoísmo, deu-nos a MÃE, para que mais amparados nos sentíssemos... para termos sempre um regaço onde nos acolhermos.

Filhos de Deus, sim!, todos nós – e irmãos de Jesus, caminho da Verdade e da Vida!

MANUELA VASCONCELOS

A CRISE

Não pretendemos que as coisas mudem, se sempre fazemos o mesmo. A crise é a melhor benção que pode ocorrer com as pessoas e países, porque a crise traz progressos.

A criatividade nasce da angústia, como o dia nasce da noite escura. É na crise que nascem as invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias. Quem supera a crise, supera a si mesmo sem ficar “superado”.

Quem atribui à crise seus fracassos e penúrias, violenta seu próprio talento e respeita mais os problemas do que as soluções. A verdadeira crise, é a crise da incompetência. O inconveniente das pessoas e dos países é a esperança de encontrar as saídas e soluções fáceis.

Sem crise não há desafios, sem desafios a vida é uma rotina, uma lenta agonia. Sem crise não há mérito. É na crise que se aflora o melhor de cada um.

Falar da crise é promovê-la, e calar-se sobre ela é exaltar o conformismo. Em vez disso, trabalhemos duro.

Acabemos de uma vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para superá-la.

ALBERT EINSTEIN

(Recebido, via internet, em Novembro de 2011).

PÁGINAS DO PASSADO

A verdadeira liberdade

“A perfeição é a única liberdade”. –
Krishnamurti.

Tenho grande admiração pela filosofia Krishnamurtiana, infelizmente tão pouco conhecida em Portugal.

Em minha opinião, esta filosofia é a que melhor se funde na doutrina filosófica de Jesus – o Cristo. Ambos os métodos estão baseados na *auto-espiritualização* e na liberdade *criadora*.

Como Jesus, Krishnamurti entende que a nossa felicidade depende *unicamente de nós próprios*, e que é um erro esperar que ela nos venha dos outros.

A Mãe-Natureza é a nossa melhor mestra. Ela encerra a profunda ciência de todas as coisas, e a essência do Criador nela está manifestada. Aquele que a estudar aprenderá o ritmo e perfeição existentes numa pedra, numa flor, e num animal. Compreenderá que estes três elementos se desenvolvem livremente contendo em si, a própria liberdade de se expandirem, de se manifestarem em toda a exuberância da sua beleza. A liberdade da Criação manifesta-se na Ciência do Universo, na máxima expansão rítmica que anima e rege os Astros e a Terra. Deste modo tudo no Todo revela duma maneira maravilhosa a maior Beleza e a maior Harmonia, numa perfeita manifestação de liberdade. Mas o homem cego pela sua ignorância da Ciência Cósmica, estonteado pela vaidade, que ignorância é também, não percebeu as sublimes lições do Cosmos.

Rastejando na poeira do Microcosmos como conseguisse – também devido à Lei Divina da Evolução – erguer-se sobre os seus pés – considerou esse facto como um desígnio de superioridade, e intitulou-se Rei da Criação.

Mas não estudou a Lei e não a quis compreender. Pensou que sendo superior aos outros animais poderia dominar o Mundo, e assim tudo condicionou à sua ambição. Nestas condições, o homem passou a olhar para fóra de si, em lugar de se observar interiormente, isto é, de analisar o seu próprio ego. Em resumo, inverteu os termos liberdade Criadora e Egoísmo.

Os indivíduos vivem procurando as fontes da vida no Mundo exterior, surdos e cegos às manifestações do Mundo interior, que é o traço de união existente em todo o ser humano, e ligando-o ao Todo ou Deus.

Assim perdidos, pela inversão da equação, não encontraram o resultado natural e lógico que existe no problema, que não souberam e não quiseram observar e compreender – apesar das muitas e preciosas lições recebidas.

Desta maneira o Homem errou ou pecou e pelos séculos fóra tem arrastado o peso da sua falta – *a incompreensão de si próprio*.

Vendo o Mundo através do erro ou ilusão, o homem tudo condicionou no seu egoísmo. Principiou por ver no seu semelhante, não um irmão mas um inimigo. E assim, resolveu dominá-lo. Desta ideia nasceram as maiores calamidades que têm afligido a Humanidade, através das idades, tais como a guerra.

Levados ao cúmulo, o egoísmo e a vaidade fizeram submergir a Atlântida, e creio que não está longe outro cataclismo, para

provar que os homens continuam a desrespeitar a Matemática Divina. Não admira, portanto, que hoje, dum modo geral, se entenda por liberdade a concessão mais ou menos larga que certas Leis Humanas conferem aos cidadãos, num país, numa colectividade e até numa família. Assim condicionada, a liberdade não existe porque o homem a estrangulou dentro das muitas prisões em que ele vive.

Para a maioria das pessoas, a vida é um dos mais difíceis problemas, se bem que na Natureza tudo seja simples. Mas a Humanidade tendo-se desviado do Caminho, tudo complicou; por isso todos falam da liberdade no sentido jurídico esperando que ela lhes seja concedida por leis amplas e generosas! A desilusão é constante, desde que a liberdade não existe natural e espontaneamente nas manifestações de cada ser. Repito: não podemos esperar que a felicidade nos venha dos outros. Temos de a criar nós próprios respeitando a Liberdade Criadora do Universo.

“O código convencional é uma retirada da vida” disse Krishnamurti.

Na verdadeira ‘apreciação da vida não há lugar para proibições, para códigos convencionais, para tabus externos. Os templos em que os homens se apoiam, por mais veneráveis que sejam, ocultam todos a luz do sol. Os únicos lábios que contêm o mais subtil valor moral são os que se impõem a si próprios produto da discriminação entre o essencial e o não essencial.”

“Nesta apreciação, não há lugar para saudades do passado, nem receios do futuro.” Ambos estão contidos no presente que vivemos *libertando as acções das reacções*.

A liberdade é uma lei da Natureza, que é a Unidade. A vida sendo una, isto é, natural, é *livre*, isenta de convencionalismos absurdos em que a encerraram os selvagens, e os ditos ‘civilizados’.

Dentro das actuais sociedades a liberdade não existe, pela simples razão que todos a desejam só para si. Daqui nasceu a ambição, entre as nações e os próprios indivíduos.

A liberdade é a expansão da Verdade; “é pessoal para cada ser vivo, e não um produto colectivo.”

Penetrando deste modo no âmago da vida, compreendemos que a liberdade não está dentro de códigos e religiões, nessa complicada engrenagem de invenção humana; a verdadeira liberdade não reside em códigos, sistemas, rotinas e todos os absurdos que constituem as prisões com que se atrofia e se impede o desenvolvimento do nosso ego, e transforma a nossa vida num verdadeiro tormento.

A magnificência da Unidade Natureza é a mais sublime mestra da Liberdade. Ela ensina-nos, na sua profunda filosofia, que sem liberdade não há espontaneidade, nem movimento criador – Evolução; - e que sem estes reais atributos não há Perfeição.

ADELAIDE YVONE DE SOUSA

(In: Revista ALÉM, da ‘Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Julho/Agosto de 1947).



NATAL

Nasce mais uma vez,
Menino Deus!
Não faltas, que me faltas
Neste inverno gelado.
Nasce nu e sagrado
No meu poema,
Se não tens um presépio
Mais agasalhado.

Nasce e fica comigo
Secretamente,
Até que eu, infiel, te denuncie
Aos Herodes do mundo.
Até que eu, incapaz
De me calar,
Devasse os versos e destrua a paz
Que agora sinto, só de te sonhar.

MIGUEL TORGA
(Natal, 1987)

(In: POESIA COMPLETA, vol. II)



CRESCER

Nas anotações do Novo Testamento, o Evangelista Lucas registou que, após o episódio em Jerusalém em que Jesus extasiara aos doutores da Lei com Sua sabedoria, Ele retirou-se para Nazaré com seus pais, Maria e José.

Em seguida ele escreve... *e Jesus crescia em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens.*

Crescer é uma preocupação humana. Quando uma criança nasce, logo os pais passam a preocupar-se com seu saudável desenvolvimento. Esmeram-se em dietas alimentares, procurando balancear proteínas, vitaminas e sais minerais, de forma que nada falte ao pimpolho. Produtos sem agrotóxicos, sem conservantes. Consultam especialistas para ver se tudo está em ordem. Se ele cresce de forma regular, se o peso está correcto.

E tão logo possam, colocam-no na escola para que se instrua e aprenda muitas coisas.

Quando casais jovens se encontram, não é raro observar-se um quase duelo em que cada qual procura mostrar como o seu filho é mais inteligente do que o filho do outro.

Se o filho se interessa por esportes ou se destaca nas artes, para logo investem os pais tudo o que podem, sem medir esforços, por vezes esquecendo até que estão tratando com uma criança.

O conceito é de genialidade, de insuperável, de melhor.

Crescer é, enfim, o objectivo do ser humano. Crescer fisicamente, crescer no intelecto, amadurecer. E, como Espírito, necessita também, e muito, das coisas espirituais.

Desde cedo, ensinemos aos nossos filhos sobre a existência de Deus, de Jesus, dos objectivos da vida. Trabalhem os valores morais, aprimorando-lhes o carácter. Ensinemo-lhes a serem verdadeiros, honestos, corajosos. A utilizarem da bondade para com os menos favorecidos da sociedade, a perdoarem, a compreenderem.

Muito mais do que homens intelectuais, o mundo necessita de homens sábios, o que equivale a dizer, criaturas que utilizem os seus conhecimentos para o bem da comunidade.

Homens que vejam nos outros homens seus irmãos e assim os tratem. Homens que saibam que estão passando pela Terra, numa rápida viagem de aprendizado. Que logo mais retornarão à pátria verdadeira, ao mundo invisível e deverão aprontar sua bagagem que se deve constituir de algo mais além de medalhas conquistadas no esporte, aplausos conseguidos na sociedade, troféus angariados por seus esforços.

Devem levar dentro d'alma brilhando, como pérolas preciosas, as boas acções que realizaram, as virtudes que adquiriram e o amor que exercitaram.

*

A alma humana pode ser comparada a um solo a ser cultivado. Como agricultores atenciosos, cabe-nos zelar pela produtividade do jardim e do pomar das almas dos nossos filhos.

Preparar a terra do coração, revolver os canteiros da mente, semear as boas sementes é nosso dever.

Florescer, perfumar e frutificar é a parte que compete aos Espíritos que nos são confiados, como filhos.

***REDACÇÃO DO MOMENTO ESPÍRITA,
em 23.07.2010.***

(Artigo que nos foi enviado, via internet, por Jackeline Mendes, de Curitiba, Brasil).

*

ESCLARECENDO...

As palavras que se seguem deveriam fazer parte do nosso Editorial, mas porque pensámos nelas muito tarde, a montagem de toda esta Revista ficaria desfazada se ali as colocássemos agora; assim sendo, elas vão aqui, neste local, esperando que todos os que nos leiam percebam que a nossa intenção não é a de criar polémica mas única e simplesmente esclarecer a nossa posição.

Somos contra o acordo ortográfico que, no ano findo, o nosso Governo assinou com o Governo brasileiro. Honestamente, em números anteriores, ainda tentámos “entrar na onda” e cumprimos com a redacção das novas palavras acordadas, mas... não fomos capazes!

Portugal é o berço da nossa nacionalidade; porquê, então, sermos nós a alterar a grafia de determinadas palavras e não aqueles outros que as aprenderam depois de nós? Se, amanhã,

Cabo Verde, Angola, Guiné, Moçambique, resolvessem imitar o Brasil e propusessem, também eles, acordos ortográficos com mais alterações às nossas palavras, à nossa língua... ainda restariam, ao fim de algum tempo, algumas raízes das palavras que foram desde sempre a língua portuguesa? Pensamos que não; os acordos ortográficos apenas servem para matar a língua portuguesa, a original.

Então, por ser esta a nossa opinião, continuaremos a escrever como sempre o fizemos... e, se quiserem, tomem esta nossa posição como o protesto silencioso de quem ama Portugal e a língua portuguesa... a verdadeira, sem as alterações provocadas por um ou mais acordos!

A DIRECÇÃO



REFORMA ÍNTIMA

Se o ensino moral fosse discutido, as religiões teriam, aliás, encontrado nele a sua própria condenação, porque a maioria delas se apegaram mais à parte mística do que à parte moral, que exige a reforma de cada um. – ALLAN KARDEC, 'O Evangelho S/o Espiritismo'.

Quando começámos a frequentar o Centro Espírita a que ainda hoje nos consideramos ligados, começou a ser vulgar que, nas

conversas como nas palestras que fomos escutando, volta que não volta surgissem as palavras “reforma íntima”.

De princípio, nós próprios, iniciantes na frequência de um ensinamento de que, ainda hoje, estamos aprendendo as lições que chegam até nós, nos detinhamos a perguntar o que seria (ou significaria) essa ‘reforma íntima’ de que tantas vezes ouviamos falar, sem assimilarmos completamente o seu significado. Foi preciso o estudo, foi preciso percebermos o que a Doutrina dos Espíritos nos ensinava, e ensina em cada dia que passa, para percebermos não só o significado da expressão como a necessidade que todos nós temos de a pormos em prática.

Hoje, com o conhecimento adquirido ao longo de mais ou menos metade de uma existência em que mais e mais procuramos perceber, conhecer e servir-nos da Doutrina no que ela é de útil para cada um dos que queiram melhorar-se espiritualmente, concluímos que sem a procurarmos, sem lutarmos pela sua prática, será muito difícil conquistarmos a evolução espiritual que todos teremos de adquirir para nos tornarmos perfeitos, no sentido da pureza que cada um deverá atingir para ser considerado como na meta que Deus determinou ao criar-nos.

É difícil praticá-la; é difícil deixarmos o marasmo a que nos habituamos, ao longo de toda uma existência, para começarmos a combater os defeitos e vícios que, com certeza, nos têm acompanhado, quando não escravizado, ao longo das nossas diversas e muitas reencarnações. E, quando nos propomos iniciá-la, resta-nos encontrar resposta para a pergunta que nos fizemos: como começar? Qual o defeito ou vício que teremos uma facilidade maior em combater, para o conseguirmos vencer e, depois então, passarmos ao imediato? E se eles fazem parte de nós, como vencer-nos a nós próprios?

Às vezes, depois de uma análise infrutífera, vem-nos a conclusão: não devemos escolher o que a nós nos parece o pior, mas começarmos por aquele que, entre os que nos rodeiam, todos nos apontam como tal... aquele que nos cria mais dissabores com amigos, familiares e conhecidos, aquele que, talvez, faça com que tantas e tantas vezes sejamos mal compreendidos pelos que nos rodeiam.

Descoberta, assim, a maneira de agirmos e qual o ‘inimigo’ a combatermos, se procurarmos iniciar a ‘batalha’ uma ideia se nos impõe como necessária: aquilo que vamos empreender tem de passar a ser nossa companhia de todos os dias, de todas as horas... e não apenas de vez em quando; depois, com o passar dos tempos e reconhecendo como conseguimos a pequena vitória que nos envaidece, no combate do primeiro vício, iniciamos logo o segundo: estamos vivendo um momento em que não podemos usar de tréguas nem conosco nem com os ‘inimigos’ que estamos enfrentando... e os dias de luta vão somando semanas, meses, anos!, até que nos apercebemos, finalmente, do bem que a Doutrina dos Espíritos fez por nós: reconhecemo-nos melhores então do que antigamente quando alguém, imperfeito como nós, percorrendo o mesmo caminho que nos levará a todos à perfeição, nos foi perdendo em nome de Deus – alguém que, com certeza, precisava tanto de perdão como qualquer um de nós!

Esta conclusão leva-nos a uma outra: estamos na Terra – planeta que o Senhor nos concedeu para procurarmos, aqui, o nosso aperfeiçoamento no contacto com uns e com outros, aprendendo com os que já são melhores que nós mas sendo, também, exemplo para outros mais ‘pequenos’ ainda – porque somos imperfeitos; então, na religião que seguimos, seja ela a que

fôr, como poderemos julgar-nos melhores que o nosso companheiro para o perdarmos em nome de Deus?

O perdão, quando exista, deverá ser sempre de nós próprios para com aquele que nos tenha ofendido ou magoado... e ele só é necessário porque não aprendemos ainda a amar sem restrições, tal como Jesus nos mostrou que todos o podemos fazer! Ainda nos faltam a indulgência e a tolerância a caminharem connosco!

Ao começarmos a praticar a reforma íntima – embora possamos não o reconhecer no imediato – uma das atitudes que passamos a ter sempre em mente é a de amarmos melhor o nosso próximo porque, afinal, tudo aquilo que somos e os próprios vícios que acalentamos estão, também, com ele relacionados!

Então, procuremos, no contacto com uns e com outros, a maneira melhor de nos melhorarmos no anseio de atingirmos, um dia, o céu dos espíritos puros – mas, enquanto o fazemos, não tiremos os olhos do chão para não sossobrarmos de novo, na invigilância que nos leve a uma queda mais.

Jesus é sempre o nosso Modelo e Guia: com Ele aprendemos o certo e o errado, o que nos é benéfico e o que nos será prejudicial. Procuremos, então, que a nossa vivência seja sempre com Jesus em nós, nos nossos corações, e a conquista de um Amanhã melhor não nos parecerá mais uma utopia mas, antes, uma realidade que esteve já bem distante mas que, mediante o nosso esforço e empenho, nos leva cada vez mais, para mais próximos do Senhor - porque, conhecedores do que o Divino Amigo nos ensinou queremos, finalmente, o reino de Deus nos nossos corações!

MANUELA

NO FUTURO

Quando o homem gravar na própria alma
Os parágrafos luminosos da Divina Lei,
O companheiro não repreenderá o companheiro,
O irmão não denunciará outro irmão.
O cárcere cerrará suas portas,
Os tribunais quedarão em silêncio.
Canhões serão convertidos em arados,
Homens de armas volverão à sementeira do solo.
O ódio será expulso do mundo,
As baionetas repousarão,
As máquinas não vomitarão chamas
Para o incêncio e para a morte,
Mas cuidarão pacificamente do progresso planetário.
A justiça será ultrapassada pelo amor.
Os filhos da fé não somente serão justos,
Mas bons, profundamente bons.
A prece constituir-se-à de alegria e louvor
E as casas de oração estarão consagradas
Ao trabalho sublime da fraternidade suprema.
A pregação da Lei
Viverá nos actos e pensamentos de todos,
Porque o Cordeiro de Deus
Terá transformado o coração de cada homem
Em tabernáculo de luz eterna,
Em que o Reino Divino
Resplandecerá para sempre.

EMMANUEL

(In: “Pão Nosso”, psicografia de Francisco C. Xavier, cap. 41, edição FEB).

FELIZ NATAL

Quando, no silêncio do nosso coração, proferimos suavemente a palavra NATAL, sentimos que, com ela, trazemos Jesus para mais perto de nós...e não interessa ter-se chegado à conclusão de que a data do Seu nascimento está errada porque, mesmo que um dia se alterasse esta tradição e o nascimento do Menino passasse a ser comemorado em qualquer outro dia e mês, o importante é o aceitarmos a Sua vinda como o Bem Maior que o Senhore nos ofereceu para aprendermos mais depressa o caminho para Ele... e a doação da própria Vida que Jesus, depois, nos ofertou acompanhada da doação maior da entrega de Sua Mãe como Mãe de todos nós, de toda a Humanidade, enriquece-nos a todos de tal maneira que mesmo de mãos vãs sentimo-nos dos mais afortunados porque elas, tal como o nosso coração, estão repletas do Amor que transmitem de cada vez que fazem o gesto de acarinhar!

Então, sentindo assim, desejamos a todos os que nos lerem um Santo Natal, com Jesus nos seus corações... e, mais do que aqui, que Ele possa sentir-se o Convidado Especial no lar de cada um... Assim sendo, será NATAL não apenas um dia mas em todos os dias de qualquer ano, enquanto assim o sentirmos, porque Natal será sempre que o Homem o quiser!

Para todos, um NATAL Santo!

Feliz Ano Novo!

A DIRECÇÃO